

GÊNEROS DISCURSIVOS COMO TIPOLOGIA DE PARTICIPAÇÃO NO MUNDO VERBOIDEOOLÓGICO

Anderson Salvaterra Magalhães*

 <https://orcid.org/0000-0003-3183-1192>

Como citar este artigo: MAGALHÃES, A. S. Gêneros discursivos como tipologia de participação no mundo verboideológico. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 1-18, set./dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6914/eLETL16639>.

Submissão: 19 de novembro de 2023. **Aceite:** 11 de janeiro de 2024.

Resumo: Neste artigo, empreende-se uma discussão teórica acerca do conceito de gênero do discurso no âmbito do dialogismo. O objetivo é demonstrar como o Círculo Bakhtin-Medviédev-Volóchinov descreve os gêneros como fenômeno sociocognitivo e os inscreve teoricamente como tipologia não formalista de participação no mundo verboideológico. Metodologicamente, é feita uma leitura exotópica de dois modos como Mikhail Bakhtin enuncia o conceito de gênero do discurso. Para tanto, cotejam-se algumas discussões do Círculo BMV com o modelo representacionista do cérebro advindo das ciências cognitivas. Sem perder de vista o caráter ideológico dos gêneros, a discussão mostra a pertinência de: (1) considerar a dimensão da cognição distribuída na mobilização atual do conceito para (2) tratar os gêneros como tipos e os enunciados concretos como ocorrências da participação no mundo verboideológico.

Palavras-chave: Dialogismo. Círculo BMV. Categorização por prototipicidade. Gênero do discurso. Mundo verboideológico.

* Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: asmagalhaes@unifesp.br



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Gênero do discurso tem sido uma expressão amplamente difundida e recorrentemente atribuída a Mikhail Bakhtin (1895-1975). Especialmente no âmbito educacional, com a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), cuja versão preliminar foi publicada em 1995 e as versões acabadas em 1997, primeiro ciclo do ensino fundamental, e em 1998, segundo ciclo, a expressão passou a circular em documentos oficiais, em trabalhos acadêmicos e em diversas instâncias do campo escolar (Rojo, 2000). Recentemente, em 2017, a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ratifica o tom oficial da expressão no tratamento da educação linguística. Independentemente de eventuais menções explícitas a Bakhtin, a popularização da expressão tende a corromper o conceito teórico. A repetição *ad nauseam* da palavra e da referência ao pensador russo forja um suposto consenso que tanto coloca sob o mesmo significante conceitos, por vezes, dispares quanto mitiga o potencial de renovação teórico-metodológica que o conceito pode promover.

Brait e Pistori (2012) reconhecem as muitas vozes que ecoam em torno – ou, até mesmo, assediam – do conceito de gênero e empreendem um sucinto, porém minucioso, exercício epistêmico acerca do conceito no âmbito do dialogismo, tal como emergente do conjunto da obra do Círculo Bakhtin-Medviédev-Volóchinov (Círculo BMV). Para tanto, as autoras assumem como critério metodológico a compilação de variados textos do Círculo, mesmo antes das publicações de novas traduções direto do russo disponíveis hoje nas quais a expressão é explicitada, cruciais para a tecitura de um conceito teórico com impacto metodológico. A bricolagem bibliográfica foi realizada pelo cotejo do conceito teórico de gênero com as condições de produção intelectual de determinados textos de Bakhtin, Pável Medivédev (1891-1938) e Valentin Volóchinov (1895-1936). Com essa confrontação foram examinadas também implicações metodológicas para o estudo das relações dialógicas.

No levantamento bibliográfico feito pelas autoras, dois ensaios foram excluídos não da reflexão, mas do exame pormenorizado. Um deles foi o mais difundido de Bakhtin e frequentemente referido – pertinente ou impertinentemente – em que os gêneros são descritos como fenômeno e elaborados teoricamente: “Os gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016a). O motivo plausível para tal exclusão não será aqui repetido. Outra exclusão, não explicitamente justificada, foi a do texto “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” (Bakhtin, 2016b), cuja produção remonta ao final dos anos 1950, início dos anos 1960. A presente discussão, como se verá, está em relação dialógica direta com o exercício epistêmico de Brait e Pistori (2012) e foca especialmente esses dois ensaios por elas excluídos do escrutínio.

Neste artigo, empreende-se também um exercício epistêmico que propõe, dialeticamente, continuidade – e não continuísmo – da reflexão acerca de como “a concepção de gênero vai sendo construída ao longo dos trabalhos do Círculo, como resposta a outras tendências dos estudos da linguagem que, de alguma forma, se interessaram pelo tema” (Brait; Pistori, 2012, p. 373). O objetivo é demonstrar como na produção intelectual do Círculo BMV os gêneros são descritos como fenômeno sociocognitivo e teoricamente concebidos como tipologia não formalista de participação no mundo verboideológico.

A discussão se fundamenta sobre duas premissas epistemológicas. A primeira diz respeito à inscrição dos gêneros no funcionamento da cadeia comunicativa discursiva (Bakhtin, 2010b, 2016a, 2016b; Medvíédev, 2012; Volóchinov, 2017; Sobral, 2009a; Brait; Pistori, 2012). O conceito teórico resulta de uma compreensão específica do Círculo BMV acerca do universo simbólico cultural, e é pelas lentes dessa compreensão que é feito o exercício epistêmico neste artigo. É premissa desta discussão a compreensão de que o dialogismo contém os gêneros, de maneira que estes guardam uma relação de inclusão com aquele. Para detalhamento, remete-se à tese defendida por Sobral (2009a) a esse respeito e ao já referido artigo de Brait e Pistori (2012).

A segunda premissa, mais abrangente, diz respeito ao princípio de categorização por prototipicidade (Rosch, 1978) que está inscrita na teorização de Bakhtin mesmo antes de ser academicamente sistematizada. Diferentemente da tradição aristotélica, que define as categorias por condições necessárias e suficientes, o que gera conjuntos absolutos e fechados, a categorização por prototipicidade opera com relações radialmente distribuídas pela aproximação ou pelo afastamento do referencial prototípico. Essa distribuição escalar gera categorias fluidas, dinâmicas e abertas. No quadro geral dos estudos acerca da cognição humana, remete-se a Rosch (1978) para exame desse modo de conceber e descrever o processo de categorização. No que tange à simbolização linguística especificamente, remete-se a Rosch (1973) e a Lakoff (1987).

Com base nessas duas premissas, o artigo segue uma estrutura retórica em outras quatro seções além desta de considerações iniciais e a de referências ao final. Na próxima seção, explicitam-se os procedimentos metodológicos para a leitura exotópica, isto é, leitura atualizada contemporaneamente, do conceito teórico de gênero do discurso empreendido em outro contexto intelectual por Bakhtin. Em seguida, destaca-se a dimensão fenomênica dos gêneros para subsequente retomada conceitual hodierna. Por fim, tecem-se considerações finais indicando a pertinência teórico-metodológica da discussão em tela.

METODOLOGIA

O exercício epistêmico é desenvolvido por uma pesquisa bibliográfica pautada por procedimentos de leitura próprios do método dialógico (Queijo, 2022) de investigação e interpretação. Dentro os procedimentos do método dialógico, neste artigo executam-se duas tarefas constitutivas do movimento exotópico tal como proposto por Bakhtin (2017, p. 40):

A primeira tarefa é compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele. [...] A segunda tarefa é utilizar a sua [do pesquisador] distância (vnienokhodimost) temporal e cultural. Inclusão do nosso (alheio para o autor) contexto.

A primeira tarefa foi realizada considerando a relação de inclusão dos gêneros no âmbito do dialogismo (Sobral, 2009a; Brait; Pistori, 2012). Para tanto, mobilizaram-se textos em que o Círculo BMV caracteriza o mundo (verbo)ideológico e teoriza acerca da natureza contínua dos fenômenos e da concepção não formalista (Faraco, 2009; Brait; Pistori, 2012) dos objetos de estudo tomados nessa dimensão.

A segunda tarefa foi realizada seguindo a prática do Círculo de integrar saberes, hoje nomeada de interdisciplinaridade (Pombo, 2004). Essa integração se deu pelo cotejo com descobertas nos estudos cognitivistas, especialmente o modelo representacionista da cognição, posteriores à obra do Círculo BMV, e que ratificam a plausibilidade biológica (base corpóreo-material) de sua teorização acerca do universo semiótico-ideológico.

Em que pese a não sequencialidade estanque e unidirecional entre as duas tarefas, e sim a permanente ida e vinda entre os procedimentos fomentados por cada uma delas, dialogicamente, a interpretação emerge desse movimento exotópico de leitura.

OS GÊNEROS DO DISCURSO COMO FENÔMENO DIALÓGICO

Como detalhado por Souza (2002a) e Queijo (2022), o dialógico implica o ideológico, de maneira que é, por um lado, redundante falar em um fenômeno dialógico-ideológico e, por outro, um contrassenso epistêmico suprimir o ideológico do dialógico tornando-o meramente dialógico (Magalhães; Kogawa, 2019). Todavia, para a devida compreensão dessa implicação, é necessário considerar como o Círculo concebe *ideologia*.

A recepção ocidental de *ideologia* tende a apagar a história do conceito e sua polissemia em favor de uma difundida concepção como mascaramento da realidade – sem problematizar, por ora, o que seja *realidade* – mediante a naturalização da visão de mundo de uma classe (dominante) como se essa visão fosse a realidade. Pois bem, essa compreensão é incompatível com a teorização do Círculo BMV, que bebeu de uma rica fonte intelectual em que pululava uma rede polissêmica em torno do significante *ideologia* (Costa, 2014). Dentre os muitos conceitos emergentes, Valentin Volóchinov (2019a, p. 243, grifo nosso) explicita, em uma nota recorrentemente negligenciada, sua concepção do fenômeno ideológico: “Entendemos por *ideologia* todo o conjunto de reflexos e refrações no cérebro humano da atividade social e natural, expressa e fixada pelo homem na palavra, no desenho artístico e técnico ou em alguma outra forma signica”.

A metáfora do reflexo e da refração configura o modo como o autor russo inscreve na definição de *ideologia* o processamento semiótico (Bondarenko, 2008), que extrapola a dimensão da essência material do mundo natural, concreto. Como se vê, há aí uma parte do fenômeno objetivada na cultura e uma contraparte biológica, que diz respeito às condições materiais de processamento signico. Para que haja manifestação objetivada da *ideologia*, é preciso que haja um corpo habilitado a processar conceitualmente – cérebro – o mundo natural e material. Vale a ressalva de que esse processamento, ainda que no nível da sinapse neural esteja situado no indivíduo, está submetido ao coletivo. De outra forma, a *ideologia* seria reduzida à dimensão subjetivista individualista refutada pelo próprio autor (Volóchinov, 2017), por Medviédev (2012) e por Bakhtin (2016a). Portanto, é necessário que haja um corpo habilitado para processar simbolicamente não apenas o universo natural, mas também a *atividade social*, de maneira que o coletivo se impõe como primado nesse quadro teórico.

Um signo só pode surgir em um território interindividual, que não remeta à “natureza” no sentido literal [sic] dessa palavra. O signo tampouco surge entre dois Homo sapiens. É necessário que esses dois indivíduos sejam socialmente

organizados, ou seja, componham uma coletividade – apenas nesse caso um meio signíco pode formar-se entre eles. A consciência individual não só é incapaz de explicar algo nesse caso, mas, ao contrário, ela mesma precisa de uma explicação que parta do meio social e ideológico. A consciência individual é um fato social e ideológico (Volóchinov, 2017, p. 96-97, grifos do autor).

O processamento signíco enquadrado pelo coletivo, ou, em termos atuais, o processamento sociocognitivo, é condição de passagem da dimensão estritamente material, o mundo natural, para a dimensão também simbólica, cultural, nomeada por Medviédev (2012) de *mundo ideológico*. Nesse universo, não se nega o indivíduo, mas assume-se o coletivo como condição dele.

Biologicamente habilitado para construir o mundo ideológico, o ser humano se relaciona com o meio e com o outro não apenas de maneira estritamente natural, mas preponderantemente pelos sistemas simbólicos que viabilizam valorar e fazer sentido. Por exemplo, pode-se descrever a dinâmica fisico-química que permite a retina do globo ocular capturar fotoestímulos que, transduzidos em sinais eletroquímicos, formam uma imagem mental no córtex occipital. Essa imagem, por sua vez, é enviada ao córtex pré-frontal, o centro de controle executivo da cognição, para análise, interpretação e desenvolvimento de comportamentos. O crivo de adequação regente dessa interpretação e determinante da valoração de comportamentos não emerge apenas de sinapses, mas também de uma estrutura sociocognitiva, isto é, de um sistema simbólico partilhado coletivamente. A metáfora do reflexo-refração é o modo como Volóchinov explica a indissociabilidade entre as bases corpóreo-materiais humanas de percepção e o sistema simbólico socialmente partilhado que instala referências para a valoração emergente nos processos cognitivos (Bondarenko, 2008).

Pode-se dizer que essa articulação imprescindível da capacidade corpóreo-material e valoração culturalmente enquadrada seria o escopo da expressão *visão de mundo* tomada por Bakhtin (2016a, p. 16) como sinônimo de ideologia: “o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia, linguagem e visão de mundo”. Posteriormente, Bakhtin (2016b, p. 94) irá enunciar a sinonímia conceitual entre “visões de mundo” e “vozes sociais” pela coordenação sintática e, assim, sustentar sua tese acerca da dimensão metalinguística como condição para o estabelecimento de relações dialógicas:

As línguas, dialetos (territoriais, sociais, gírias), estilos de linguagem (funcional), digamos, o discurso familiar do cotidiano e a linguagem científica, podem entrar em tais relações dialógicas, isto é, conversar entre si? Só sob a condição de passarem por um enfoque não linguístico dos mesmos, isto é, de serem transformados em “visões de mundo” (ou em certas visões de mundo centradas na linguagem ou no discurso), em “pontos de vista”, em “vozes sociais”, etc.

Isso permite dizer que, em dialogismo, *ideologia* nomeia arranjos simbólicos, coletivos, plurivalorativos instauradores de modos de ver o mundo e de significá-lo. Não há como agir socialmente sem o enquadre de cosmovisão partilhada por e entre grupos sociais. Evidentemente, não se trata de uma cosmovisão imanente do grupo ou estática, e sim dinâmica e fluida entre diferentes coletividades, cujas nuances erigem um palco de tensões e disputas, sendo a linguagem verbal o dispositivo que permeia todas as instâncias sociais e, assim, constitui permanente arena das tensões ideológicas (Volóchinov, 2017).

A reciprocidade entre linguagem e visão de mundo/ideologia de que trata Bakhtin (2016a) coloca em proeminência a representação linguística no mundo ideológico. Nessa esteira, Volóchinov (2017) detalha que, dentre os variados meios signicos, a linguagem verbal não tem outra realidade que não a simbólica. Portanto, é assumida como *fenômeno ideológico por exceléncia*. Instrumentos de trabalho como a foice e o martelo podem coincidir consigo mesmos e configurar artefatos; tornam-se meios signicos apenas quando remetem a uma realidade diferente de sua essência estritamente material. Por exemplo, assumidos como representação de classes trabalhadoras – o campesinato e o proletariado, respectivamente –, extrapolam sua condição material estrita de artefato para representar outra realidade não coincidente com sua mera materialidade, isto é, para funcionar semiótica e ideologicamente. Diferentemente desses artefatos, o elemento verbal invariavelmente configura um dispositivo de reflexão-refração de maneira a sempre figurar como ponto material de manifestação de visões de mundo – quaisquer visões. Isso confere um estatuto diferenciado à linguagem verbal no mundo ideológico.

Refutada a abordagem subjetivista individualista do processamento signico e destacado o *status particular* da linguagem verbal na dimensão simbólica, o mundo ideológico fica mais bem nomeado como *mundo verboideológico*. Esse é o contexto intelectual que embasa e encaminha retoricamente a abertura de um dos ensaios-chave para este artigo, “Os gêneros do discurso”:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. [...] O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (Bakhtin, 2016a, p. 11-12, grifos nossos).

Repare que o autor relaciona a linguagem a campos da atividade humana ou, como registra em apontamentos em sua maturidade (Bakhtin, 2017), campos da criação ideológica. Isso dá vista à maneira como o Círculo organiza esquematicamente o mundo verboideológico. A relação de interdependência entre signo e ideologia é a condição para a dimensão sociocultural. Esta, por sua vez, estrutura-se por sistemas simbólicos de fronteiras fluidas e permeáveis que regulam os modos de participação cultural. Em variados textos, os autores do Círculo exemplificam esses sistemas simbólicos como religião, legislação, ciência, arte, moral, entre outros (ver Figura 1). Cada um desses campos da criação ideológica estabelece condições signicas que regram determinadas formas de participação social. Do campo da legislação, por exemplo, emergem conceitos como *crime* e *contravenção*, que impactam discursiva e pragmaticamente os grupos sociais por eles interpelados. Uma vez categorizados como *crime* ou *contravenção*, determinados atos no mundo verboideológico viabilizam a ativação de outras participações, como denúncia, inquérito, indiciamento, defesa, julgamento. Tudo isso emerge por conta de valores partilhados socialmente.

Se a relação signo-ideologia funda o mundo verboideológico, os sistemas simbólicos constituem os meios ideológicos (Medviédev, 2012) de estruturação e organização das participações nele. Trata-se de meios não estanques, com fronteiras

fluidas que permitem a sobreposição entre eles, resultando em hibridização de criações ideológicas. Esse é o caso, por exemplo, das artes sacras, cujo potencial semiótico-ideológico resulta de uma estética estruturada simultaneamente por valores religiosos e artísticos.

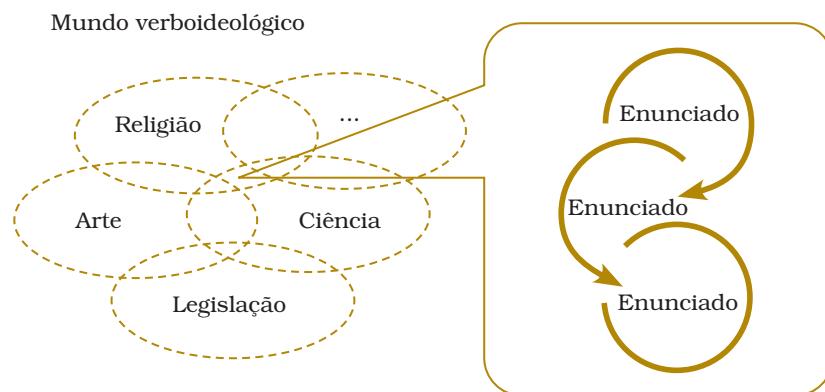


Figura 1 – Mundo verboideológico

Fonte: Elaborada pelo autor.

As maneiras de participação no mundo verboideológico são enquadradas por esses campos e distribuem-se por prototipicidade. Uma sentença judicial é uma participação prototípica no campo jurídico; um romance ficcional, no artístico. Já um documentário afasta-se radialmente de referências prototípicas para a periferia em que há sobreposição dos campos jornalístico e artístico.

Conforme destaca Bakhtin (2016a), o uso da linguagem é relativo aos campos. Participa-se no/do mundo verboideológico pela mediação de sistemas simbólicos ativadores de potencialidades sínscicas. A participação efetiva, porém, se dá pelo que o autor define como *enunciado concreto*. O enunciado é um ato culturalmente validado e valorado, cujas fronteiras determinam-se por condições comunicativo-discursivas e não por características formais (Bakhtin, 2016a, 2016b, 2016c, 2016d; Souza, 2002b; Magalhães, 2022). Tudo que se faz e tem validade cultural, dialogicamente, é um enunciado concreto. Isso permite reformular a metafórica definição de enunciado como “*o elo na cadeia*” (Bakhtin, 2017, p. 26, grifo nosso) comunicativa discursiva numa definição mais experiential como *a participação no mundo verboideológico*.

Nesse ponto, vale retomar o lugar do cérebro no fenômeno ideológico. Sendo base corpóreo-material, é condição para conversão de estímulos físicos em produção cognitiva, em que se dá a simbolização. Seguindo o modelo representacionista conexionalista da cognição humana, é possível compreender o cérebro como um reconhecedor dinâmico de padrões estatísticos (Dawson, 2013). Contemporaneamente, tende-se a diferenciar as condições físicas de apreensão de estímulos – *sensação* – de processos complexos que envolvem interpretação de estímulos – *percepção* (Goldstein; Cacciamani, 2022). Nota-se que a percepção implica funções superiores, mecanismos de ordem superior, que, ainda que em última instância, tenha uma contraparte de substrato neural, estrutura-se

por referências externas ao indivíduo. Essas referências estão no ambiente natural e social. No ambiente social, a reiteração dos atos concretos, singulares e irrepetíveis presta-se à categorização culturalmente validada e valorada. Da singularidade dos atos, o cérebro vai abstraindo frequências ritualísticas, reconhecendo padrões relacionais e mapeando esquemas interacionais. Isso permite afirmar que a estrutura cognitiva não é mera sinapse, mas manifestação de valores coletivos. Ao simbolizar, um indivíduo não apenas está submetido às condições empíricas da situação imediata em que se encontra, mas, sobretudo, é interpelado por referências e valores partilhados em/entre grupos socialmente organizados. Eis a base corpóreo-material para a complexa reciprocidade entre linguagem e visão de mundo e relativização do uso da linguagem aos campos da atividade humana (Bakhtin, 2016a).

O sistema cognitivo tem, então, uma partida individual e uma contrapartida coletiva. A análise de substrato neural por fMRI, por exemplo, pode indicar, de maneira não invasiva, a relação entre a cognição e a atividade cerebral do indivíduo. Essa manifestação fisiológica é uma base corpórea inegável e não pode ser desconsiderada no complexo fenômeno cognitivo. Todavia, também parece inegável a contrapartida que se desenvolve nas relações com o ambiente social e, sobretudo, com o outro. Hutchins (1995) descreverá a operação do sistema cognitivo pela coordenação de estruturas internas – como aquelas que podem ser rastreadas pelo substrato neural – e externas – processos espalhados entre membros de um grupo social – ao longo do tempo, de maneira que o produto de determinado evento pode transformar a natureza de eventos posteriores. As estruturas externas constituem o que o autor chama de *cognição distribuída*, e tal construto articula-se com a hipótese do desenvolvimento cognitivo filogenético perseguida por Tomasello (1995, 2007), entre outros.

Da proposta de cognição distribuída de Hutchins (1995), destacam-se dois pontos-chave para esta discussão. O primeiro diz respeito à implicação do grupo social no desenvolvimento do sistema cognitivo. Assim como Volóchinov (2017) no final da década de 1920 já havia sinalizado a relação imprescindível entre organização social e semitização, Hutchins (1995) irá reiterar que não basta a justaposição de dois *homo sapiens* para que se estabeleça cognição distribuída; é preciso que, em alguma medida, estejam organizados como grupo. O segundo aspecto é o impacto da relação de grupo ao longo do tempo. Os processos interacionais com os demais membros da sociedade alteram os construtos simbólicos que modulam a própria participação dos membros dessa sociedade. A cognição distribuída, pode-se dizer, é uma sinergia entre membros de um grupo social, portanto, experencialmente coletiva, alterada conforme o repertório interacional, portanto, temporalmente condicionada.

Afinal, onde se encontra o fenômeno dos gêneros do discurso? No dialogismo, a relação imprescindível signo-ideologia funda o mundo verboideológico. Neste, sistemas simbólicos funcionam como meios ideológicos que regulam e ordenam as participações válidas. A participação efetiva se dá pelo enunciado concreto. Desse ponto de vista, a simbolização linguística é uma estrutura emergente da cognição distribuída, que se realiza em condições histórico-sociais moduladoras das cosmovisões partilhadas e disputadas por e entre grupos sociais. Os gêneros do discurso configuram um fenômeno sociocognitivo simultaneamente estruturado na e estruturante da participação no mundo verboideológico. Por um lado, os gêneros são gestados pelo reconhecimento de padrões interacionais a partir

das experiências efetivas nos variados campos da criação ideológica (Brait; Pistori, 2012); por outro, sedimentados no cérebro como referencial intersubjetivo, funcionam como parâmetros para *performance* mais ou menos prototípica de qualquer participação concreta no mundo verboideoológico. A reiteração experiencial/interacional por meio de enunciados (ver Figura 1) gera a esquematização de um repertório sociocognitivo, que é retroalimentada por novas experiências interacionais. Os gêneros do discurso são, portanto, um fenômeno ideológico participante da construção e atualização de repertórios simbólicos coletivos moduladores do próprio sistema cognitivo humano. Assim descrito, examine-se o encaminhamento teórico dado por Bakhtin e algumas implicações metodológicas.

OS GÊNEROS DO DISCURSO COMO CONCEITO TEÓRICO NO DIALOGISMO

A definição de *gênero do discurso* é enunciada teoricamente pelos membros do Círculo BMV em diferentes textos e com encaminhamento teórico e metodológico (Brait; Pistori, 2012). Em Bakhtin, ao menos dois ensaios escritos nos anos 1950, início dos anos 1960, trazem definições contundentes. A versão mais difundida está em “Os gêneros do discurso”: “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (Bakhtin, 2016a, p. 12, grifos do autor). Mais adiante, o autor sintetizará como *tipos de enunciados* (Bakhtin, 2016a, p. 20). Outra versão, bem menos citada e referida, é encontrada em “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”: “Os gêneros do discurso são modelos tipológicos de construção da totalidade discursiva. Entretanto, esses modelos de gênero diferem essencialmente dos *modelos linguísticos de orações*” (Bakhtin, 2016b, p. 106, grifo do autor).

Como se vê, nesses ensaios está explicitado o caráter extensivo dos gêneros como *tipo*, o que aparece no conjunto da obra do Círculo em diferentes momentos, por exemplo, nas orientações metodológicas listadas por Volóchinov (2017) e na teorização acerca da construção do enunciado em Volóchinov (2019b), como Brait e Pistori (2012) colocam em escrutínio. A famosa definição apresentada em “Os gêneros do discurso” explicita a relação de inclusão entre os gêneros e os campos, com destaque para o *status* da linguagem verbal no mundo verboideoológico. Nesse ponto, faz-se uma ressalva que, ainda que pareça óbvia, costuma ser negligenciada se a definição for separada do conjunto da obra do Círculo. Os gêneros são, sim, estabilidade e estabilidade inclusive – mas não apenas – de forma material ou, como aparece no ensaio, composicional. Todavia, sua concepção teórica não parte da forma, mas dos campos de atuação humana, dos campos da criação ideológica. Isso corrobora a tese de Brait e Pistori (2012) de que não é epistemologicamente pertinente reduzir o gênero ao resultado composicional de conteúdo temático, forma composicional e estilo.

Como a produção de enunciados concretos se dá invariavelmente por meios ideológicos, dos campos partem as balizas de reiteração coletiva. Como reconhecedor dinâmico de padrões estatísticos, o cérebro categoriza as experiências a partir de frequências, estabelecendo um repertório simbólico intersubjetivo. É subjetivo porque não prescinde do lugar histórico inalienável ocupado pelos indivíduos (Bakhtin, 2010a). É intersubjetivo porque estrutura a cosmovisão a partir de parâmetros externos ao indivíduo (primado coletivo descrito na seção anterior). Isso significa dizer que se conceituam os gêneros relativamente a

sistemas simbólicos dinâmicos construídos e partilhados na coletividade. É do campo e de seus constrangimentos ético-estéticos que parte a estabilização, e não da forma de apresentação da participação efetiva no mundo verboideológico, ou seja, não da apresentação material do enunciado concreto.

Feita a ressalva, destaca-se que *tipos* ativam um esquema abstraído de um conjunto de características que, por um lado, favorecem o agrupamento de elementos e, por outro, a distinção de elementos. O *tipo* está no nível da extensão, funciona para classificação, categorização, e se diferencia da *ocorrência*, que constitui a apresentação tangível de um tipo e está no nível da intensão.

Aqui se retoma a segunda premissa sobre a qual se constrói a argumentação deste artigo: a agremiação de características para desenho de tipos requer, em dialogismo, a escalaridade relacional mantida com padrões prototípicos de dada categoria. O caráter contínuo, peremptório da cadeia comunicativa discursiva, interdita a conceituação de *tipos* pelos critérios absolutos aristotélicos. Isso monologizaria, por assim dizer, a teoria que emerge do conjunto da obra do Círculo BMV. Diferentemente, os tipos são *relativamente estáveis*.

Em linguagem prosaica contemporânea, poder-se-ia dizer jocosamente que os tipos são estáveis *pero no mucho*. Isso se deve à recusa à redução do dialogismo ao formalismo tal como explicitada pelos membros do Círculo em diferentes momentos (Bakhtin, 2003, 2016a; Medviédev, 2012; Volóchinov, 2017; Faraco, 2009). Exotopicamente, *formalismo* nos estudos da linguagem pode nomear dois conceitos. Um diz respeito ao privilégio da forma no pareamento forma/função; outro diz respeito ao universalismo. Tanto um quanto outro conceito podem ser igualmente refutados no dialogismo. Posto que o mundo verboideológico, ainda que teoricamente sistematizado e esquematizado (por exemplo, Figura 1), constrói-se relativamente aos grupos sociais e suas interações, não cabe uma projeção universalista. Seria uma contradição epistemológica. Semelhantemente, porque o funcionamento do mundo verboideológico é motivado pela comunicação discursiva, no pareamento forma/função, a forma sempre estará a reboque dos propósitos interacionais, e não o contrário. Ser *estável* implica haver parâmetro relacional; ser *relativamente estável* implica ter parâmetro relacional, mas não prescrição formalista – seja qual for a concepção de formalismo.

Diferentemente dessa versão do conceito de gênero, enunciada logo na abertura do ensaio, a versão menos difundida está no encerramento do texto. Assim, retoricamente, funciona como arremate conceitual, mais do que como baliza argumentativa. Talvez, essa seja a razão para ser uma formulação ainda mais contundente em que consta a categorização *modelo tipológico*. A ideia de modelo costuma equivocadamente – equivocadamente no âmbito do dialogismo, claro – ser tomada como modelo de forma ou modelo formal. Pelas razões já apresentadas, não é preciso justificar quão inapropriada é essa abordagem. Do mesmo modo, *tipologia* costuma ser concebida – à revelia do contexto intelectual de produção conceitual do Círculo BMV brevemente descrito na seção anterior – como categorização, geralmente em toada aristotélica, de fôrmas (permita-se aqui diferencial para evitar ambiguidade), e não de maneiras.

O ensaio congrega algumas teses defendidas por Bakhtin em outros textos e momentos, mas é possível dizer que ali há um cotejo de diferentes abordagens da materialidade signica por diferentes áreas do conhecimento. Num primeiro momento, em linha diltheyana, distingue as ciências naturais das humanas. Aquelas orientadas para o significado, a explicação; estas para o sentido, a

interpretação. Dentre as ciências humanas, fronteiras epistêmicas seriam desenhadas conforme a maneira de se apropriar da materialidade signica. Essa materialidade é nomeada *texto* e fenomenicamente descrita como “*realidade imediata* (realidade do pensamento e das vivências)” (Bakhtin, 2016b, p. 71, grifo do autor) e teoricamente definida como “qualquer conjunto coerente de signos” (Bakhtin, 2016b, p. 71). Na condição de *realidade imediata*, identifica-se o estatuto material de uma entidade signica. O texto assim compreendido diz respeito à enformação de certo conteúdo num material. Mesmo se aplicando à forma material, o conceito de *texto* não é formalistamente orientado, haja vista as fronteiras entre as diferentes disciplinas das ciências humanas. Cada uma apropria-se de certa materialidade a partir de certos atributos de conteúdo. Sobral (2009b, p. 175, grifo do autor) sintetiza a tese do ensaio da seguinte maneira:

Bakhtin volta a insistir nas relações enunciativas: o texto supõe um autor e este age em interação com um destinatário. Volta ao sistema da língua como elemento sine qua non, porém nunca exclusivo, da existência do texto, sempre pensado no âmbito do discurso e do gênero. Insiste ainda na questão das relações dialógicas, que não existem no texto como materialidade nem no sistema da língua, mas entre enunciados.

Trata-se de um ensaio rico, com muitos aspectos relevantes a serem explorados. Para este artigo, importa o destaque feito pelo comentarista acerca de a materialidade textual estar atrelada aos gêneros. Aí, vale citá-lo novamente:

Os gêneros, fundados no projeto enunciativo e, portanto, na valoração, envolvem a participatividade, o aspecto central do dialogismo, que se desdobra em entoação avaliativa e responsividade ativa. Partindo da questão do texto, Bakhtin faz uma análise reconhecidamente filosófica de várias questões de linguagem. Retoma as bases de seu pensamento dialógico e situa o texto no âmbito dos gêneros, mostrando que o gênero não pode ser abordado sem conexão com o dialogismo (Sobral, 2009b, p. 176, grifos do autor).

A “participatividade” de que trata o pesquisador e comentarista é uma descrição teórica do fenômeno tratado neste artigo como *participação no mundo verboideológico*. A “entoação avaliativa” aponta para a valoração inerente a qualquer participação, e a “responsividade ativa” sinaliza o caráter contínuo do funcionamento dialógico. Participar no mundo verboideológico implica relacionar(-se): relacionar-se com o outro, relacionar discursos, relacionar elementos signicos; sempre com valoração.

Na finalização do denso ensaio filosófico, Bakhtin (2016b) enuncia o contundente conceito de gênero já citado. Ali está, mais uma vez, explicitado o caráter relativo que os gêneros mantêm com os meios ideológicos na comunicação discursiva. Como esmiúçam Brait e Pistori (2012), a totalidade discursiva e a unidade temática dela decorrente localizam-se na dupla orientação dos gêneros que, simultaneamente, como próprio do dialogismo, apontam para condições comunicativas mais amplas, como os meios ideológicos, e para condições interacionais inscritas como referenciais para produção do enunciado concreto. Isso é explorado pelas autoras especialmente a partir de Medviédev (2012) e se aplica também à tese de Volóchinov (2017). Todavia, no modo como enuncia o conceito teórico, Bakhtin (2016b, p. 106, grifo nosso) categoriza os gêneros como “*modelos tipológicos* de construção a totalidade comunicativa”.

LÍNGUA E LINGUÍSTICA

A partir da frequência experencial no mundo verboideológico, o cérebro humano, habilitado para reconhecer padrões estatísticos dinâmicos, projeta *tipos relacionais* e *interacionais* relativos aos campos da criação ideológica. A identificação desses padrões instaura *modelos referenciais* para que, na produção de um enunciado concreto, assuma-se invariavelmente uma postura; seja uma postura conservadora da tradição relacional, conformando um enunciado concreto tendendo à prototipicidade interacional; seja uma postura inovadora, que altera aspectos do legado da tradição interacional distanciando radialmente da prototipicidade interacional. Toda e qualquer produção enunciativa guarda uma relação escalar com o repertório coletivo interacional. Essa é a razão para Bakhtin (2016a, p. 38, grifos do autor) afirmar que “falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm *formas* relativamente estáveis e típicas de *construção do conjunto*. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discurso orais (e escritos)”. Examinado o contexto intelectual de construção conceitual do Círculo, comprehende-se que *falar por gêneros* não significa torná-los *ocorrências*, sob pena de perder-se sua dimensão extensiva, tipológica, e sim reconhecer que as ocorrências, os enunciados concretos, constroem-se invariavelmente numa relação escalar com os tipos, modelos interacionais. Vale o destaque: não se falam os gêneros, mas *através* deles, ou seja, produzem-se enunciados balizados por referências padrão de relações culturais.

De que maneira a conceituação dos gêneros como *tipos relacionais/interacionais* impacta procedimentos metodológicos de pesquisa e/ou de educação linguística? Evidentemente, uma resposta satisfatória para essa pergunta requer outro artigo ou outros artigos. Aqui, destacam-se apenas alguns pontos que podem incitar respostas dialógicas.

No âmbito da pesquisa, a resposta é encaminhada explicitamente por Volóchinov (2017) com o ponto de exigência metodológica fundamental e o contra-ponto de ordem metodológica fundamentada, conforme compilado no Quadro 1.

Exigência metodológica fundamental (p. 110)	Ordem metodologicamente fundamentada (p. 220)
Não se pode isolar a ideologia da realidade material do signo (ao inseri-la na “consciência” ou em outros campos instáveis e imprecisos).	Formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas.
Não se pode isolar o signo das formas concretas da comunicação social (pois o signo é uma parte da comunicação social organizada e não existe, como tal, fora dela, pois se tornaria um simples objeto físico).	Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são partes, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica.
Não se pode isolar a comunicação e suas formas da base material.	Revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual.

Quadro 1 – Orientações metodológicas de Volóchinov (2017)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Essas orientações coadunam-se com a ética de pesquisa contemporânea fundamentada pela compreensão da dimensão distribuída da cognição (Hutchins, 1995). Cárdenas-García e Ireland (2017), ao discutirem o impacto teórico-metodológico do estudo que envolve seres humanos, argumentam que o conceito de biossemiótica relativizado pela cognição distribuída identifica um elemento social em seu ambiente, e não um indivíduo em seu ambiente. Daí, a descrição de qualquer “realidade” implica selecionar e colocar em proeminência certos aspectos de um complexo cenário interacional. Essa seleção e perspectiva instala uma assimetria própria do estudo do ente social em seu ambiente e deve ser de alguma maneira compatibilizada no dispositivo analítico que leva em conta a cognição distribuída.

Os autores explicitam o comprometimento ético de proceder à pesquisa com seres humanos numa orientação gestáltica, por assim dizer, em que o todo não é a soma de partes. Ficam patentes tanto a recusa à composicionalidade formalista para descrição do ambiente social quanto a adesão à abordagem construcional funcionalista de natureza sociocognitiva, em que as relações ocupam lugar central na produção de conhecimento.

A dimensão distribuída da cognição se apresenta como recurso exotópico para leitura contemporânea do processamento ideológico no cérebro humano sustentado por Volóchinov (2019a), para a dupla orientação externa e interna dos gêneros (Medvídev, 2012; Brait; Pistori, 2012) e, consequentemente, para a apropriação dialogicamente responsável nos dias de hoje do construto dos *tipos relativamente estáveis das maneiras* – e não das formas (novamente com licença para resgatar o diferencial) – *de participação no mundo verboideoológico* como categoria escalar de acesso a fenômenos ideológicos. A inscrição dos gêneros na dinâmica histórica e social estruturante da e estruturada na cognição distribuída não pode configurar um dispositivo descritivo-analítico orientado pela composicionalidade formalista, e sim pela construcionalidade funcionalista sociocognitiva. Isso requer o exame dos enunciados concretos no emaranhado relacional do cenário interacional constitutivo do mundo verboideoológico como ocorrências mais ou menos protótipicas de modelos tipológicos das relações sociais.

Quanto ao impacto sobre questões metodológicas de educação linguística, Brait e Pistori (2012) lançam mão de um exemplo de mobilização de enunciados jornalísticos na educação básica. Seguindo o propósito de continuidade sem continuísmo, encerra-se esta seção com uma exemplificação semelhante, embora mais esquemática.

Trazer textos autênticos, genuínos, para a sala de aula não garante uma abordagem metodológica fundamentada no conceito dialógico de gênero, ainda que isso seja imprescindível. Para que a prática se coadune com essa orientação teórica e metodológica, é importante afastar-se de apropriações formalistas do conceito que o tomariam por formato (Machado, 2014) e apropriar-se da condição verboideológica de modelos tipológicos relacionais. Como? Tome-se o desafio de promover o letramento acadêmico pelo ensino de resenhas. Assumidas como formato, o objeto de ensino seriam estruturas textuais reiteráveis. Isso levaria a uma sequência didática orientada para transmissão de um esquema textual, um molde textual, formal, a ser preenchido semanticamente. Tratada como estrutura textual, a resenha pode ser mobilizada composicionalmente, já que consiste em uma forma que se impõe à função. Nessa sequência didática, apropriações reconhecidas como externas na dupla orientação dos gêneros do discurso

LÍNGUA E LINGUÍSTICA

(Medviédev, 2012; Brait; Pistori, 2012) tendem a figurar como pretextos justapostos ao efetivo conteúdo a ser aprendido, ou, talvez melhor dizer, apreendido.

Diferentemente, assumida como gênero, há de se inserir a resenha como prática social, o que requer especificá-la como uma maneira de participação na cultura. Uma resenha de obra de arte para publicação em jornal especializado é diferente de uma resenha técnica a ser publicada em revista científica. Assim como também é diferente uma resenha de livro publicada no *blog* da editora desse livro. Cada um desses exemplos ativa diferentes meios ideológicos e, portanto, diferentes conformações da cadeia comunicativa discursiva. Uma sequência didática orientada teórica e metodologicamente pelos e para os gêneros discursivos no âmbito do dialogismo promoverá condições sociocognitivas de elaboração construcional. Isso envolverá: 1. reconhecimento de padrões relacionais, o que requer exposição a certa frequência de determinados tipos de participação na cultura, isto é, de determinados enunciados concretos com tudo que esse conceito abarca e implica (ver, por exemplo, Magalhães, 2022; Silva; Goiania; Meira, 2022); 2. desenho de modelos tipológicos de interação discursiva, o que demanda identificação tanto de aspectos de agremiação e dispersão de modos de participação na cultura quanto apropriação de aspectos singularizadores determinantes da inalienação ética do lugar autoral (ver, por exemplo, Silva, 2019).

Diante da natureza ideológica dos gêneros no dialogismo, a contrapartida sociocognitiva do repertório coletivo de tipos de enunciados não deve ser hodieramente negligenciada nem no procedimento de pesquisa nem na prática pedagógica. A assunção da dimensão cognitiva distribuída na mobilização dos gêneros configura recurso exotópico para apropriação contemporânea responsável do construto, uma vez que atualiza as bases epistemológicas sobre as quais o dialogismo e sua inerente rede relacional foram gestados.

BREVÍSSIMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, estabeleceu-se um diálogo especialmente com Brait e Pistori (2012) explorando a construção do conceito de gênero do discurso no conjunto da obra do Círculo BMV. Em consonância com a reflexão feita pelas pesquisadoras, a presente discussão insiste na compreensão de que os gêneros constituem fenômenos ideológicos cuja teorização não deve nem pode ser reduzida à composicionalidade formal de conteúdo temático, forma composicional e estilo. Para tanto, as autoras deixam de lado o ensaio em que tais elementos são listados relativamente aos gêneros para rastrear a formulação teórico-metodológica no conjunto da obra do Círculo. Aqui, procedeu-se ao exame principalmente de duas versões da definição teórica do conceito apresentadas em dois ensaios não escrutinizados por Brait e Pistori (2012). Por uma leitura exotópica dessas versões da definição do conceito teórico, mobilizaram-se contribuições das ciências cognitivas no que tange à cognição distribuída. Abordar os gêneros sociocognitivamente ratifica a pertinência e atualidade teórica e metodológica, na pesquisa e no ensino, do construto gestado na primeira metade do século XX e maturado no início da segunda metade.

O processo interacional pelo qual se constroem coletivamente repertórios moduladores do sistema cognitivo constitutivo das cosmovisões partilhadas por/entre grupos sociais é mediado pelos sistemas organizados de crenças,

preceitos, pensamentos, chamados de campos da cultura (Bakhtin, 2003) ou campos da atividade humana (Bakhtin, 2016a), de meios ideológicos (Medviédev, 2012) e de campos da criação ideológica (Bakhtin, 2017; Volóchinov, 2017). Esses campos da atividade humana regram e orientam os modos de interação, e, portanto, os repertórios coletivos relacionais e desses repertórios depreendem-se padrões de linguagem que constituem referenciais interacionais, os gêneros do discurso (Bakhtin, 2016a, 2016b; Volóchinov, 2017). Por serem padrões, são conceituados por Bakhtin (2016a, 2016b) como *tipos* ou *modelos tipológicos* da comunicação/interação discursiva. Na condição de tipos, não são concretamente realizados, a não ser pelas ocorrências sempre singulares e irrepetíveis dos enunciados, cuja construção guarda uma relação escalar e imprescindível com os parâmetros dos gêneros. Isso permite afirmar que, como fenômeno ideológico, os gêneros sistematizam – ainda que não normatizem! – a comunicação discursiva e, como construto teórico, instalam a dimensão socio cognitiva no arcabouço do dialogismo.

Volóchinov (2019c) afirma que aquilo que é estruturante de um enunciado não se instala em seu conteúdo. Aquilo que se instala em seu conteúdo, não lhe sendo mais estruturante, é disponibilizado para negociação. Este artigo, ao explicitar o caráter sociocognitivo extensivo dos gêneros pela leitura exotópica de duas versões do conceito, coloca a cognição distribuída em pauta no dialogismo. Entende-se que a principal contribuição oferecida seja uma atualização acerca da base ideológica tal como sustentada pelo Círculo, destacando, pela interdisciplinaridade, a instalação da ideologia no sistema cognitivo humano. O artigo mostra como é possível reler a concepção de ideologia do Círculo à luz da dimensão distribuída da cognição e como isso atende ao apuro conceitual dos gêneros do discurso pelo resgate da base corpóreo-material que impacta a ética em pesquisa e em ensino nos dias de hoje.

SPEECH GENRES AS A TYPOLOGY OF PARTICIPATION IN THE VERBO-IDEOLOGICAL WORLD

Abstract: In this paper, a theoretical discussion is undertaken regarding the concept of speech genre within the scope of dialogism. The aim is to demonstrate how the Bakhtin-Medvedev-Vološinov Circle describes genres as a socio-cognitive phenomenon and theoretically inscribes them as a non-formalist typology of participation in the verbo-ideological world. Methodologically, an exotopic reading is made of two ways in which Mikhail Bakhtin enunciates the concept of speech genre. To this end, some discussions from the BMV Circle are compared with the representational model of the brain arising from cognitive sciences. Without losing sight of the ideological character of genres, the discussion shows the relevance of: (1) considering the dimension of distributed cognition in the current mobilization of the concept, and (2) treating genre as types and concrete statements as tokens of participation in the verbo-ideological world.

Keywords: Dialogism. BMV Circle. Categorization by prototypicality. Speech genre. Verbo-ideological world.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. XXXIII-XXXIV.
- BAKHTIN, M. M. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a. 160 p.
- BAKHTIN, M. M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b. 341 p.
- BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016a. p. 11-70.
- BAKHTIN, M. M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016b. p. 71-107.
- BAKHTIN, M. M. Diálogo II. In: BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016c. p. 113-124.
- BAKHTIN, M. M. Diálogo I. A questão do discurso dialógico. In: BAKHTIN, M. M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016d. p. 125-150.
- BAKHTIN, M. M. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, M. M. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 21-56.
- BONDARENKO, M. Reflet vs réfraction chez les philosophes marxistes du langage des années 1920-30 en Russie: V. Vološinov lu à travers V. Abaev. *Cahiers de l'ILSL*, n. 24, p. 113-148, 2008.
- BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Círculo. *Alfa: Revista de Linguística*, São José Rio Preto, v. 56, n. 2, dez. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000200002>.
- CÁRDENAS-GARCÍA, J. F.; IRELAND, T. Human distributed cognition from an organism-in-its-environment perspective. *Biosemiotics*, v. 10, p. 265-278, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1007/s12304-017-9293-8>.
- COSTA, L. R. *Divulgação científica e embates ideológicos no discurso da revista Ciência Hoje nas décadas de 1990 e 2000*. 2014. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-22052015-102719/>. pt-br.php. Acesso em: 14 nov. 2023.
- DAWSON, M. R. W. *Mind, body, world: foundations of cognitive science*. Athabasca: AU Press, 2013. (Open Path to Enriched Learning)
- FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009. 168 p.
- GOLDSTEIN, B.; CACCIAMANI, L. *Sensation and perception*. 11. ed. Belmont: Cengage Learning, 2022. 496 p.

- HUTCHINS, E. *Cognition in the wild*. Cambridge: MIT Press, 1995. 395 p.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987. 632 p.
- MACHADO, I. O conceito de formato em relação ao conceito de gênero. In: SEIXAS, L.; FERRARI, N. (org.). *Gêneros: um diálogo entre comunicação e linguística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 1-15.
- MAGALHÃES, A. S. Quando o “discurso do sujeito” não instala o sujeito do discurso: desafios para a implementação da BNCC de língua vernácula no ensino médio. *Diálogo das Letras*, v. 11, p. e02203, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/3865>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- MAGALHÃES, A. S.; KOGAWA, J. *Pensadores da análise do discurso: uma introdução*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019. 240 p.
- MEDVIÉDEV, P. N. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012. 269 p.
- POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO SOBRE EPISTEMOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO, 2004, Porto Alegre. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082/2778>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- SILVA, A. P. P. de F. e; GOIANIA, A. L. S.; MEIRA, R. O. Sujeitos falantes: quando e onde pensam que estão as/os discentes de disciplinas de leitura e produção de textos? In: OLIVEIRA, D.; SILVA, A. P. P. de F e. (org.). *Análises de discurso: margens e entrelinhas*. São Paulo: Pontes, 2022. p. 51-75.
- QUEIJO, M. E. S. *O método dialógico em obras de M. Bakhtin*. 2022. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.
- ROJO, R. (org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2000. 252 p. (Coleção As faces da linguística aplicada).
- ROSCH, E. H. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. E. (ed.). *Cognitive development and acquisition of language*. New York: State University of New York Academic Press, 1973. p. 111-144.
- ROSCH, E. H. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; LLOYD, B. B. (ed.). *Cognition and categorization*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978. p. 27-48.
- SILVA, A. P. P. F. Resenhas na graduação: dialogismo, autores e heróis. In: BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C.; FRANCELINO, P. F. (org.). *Linguagem e conhecimento*: Bakhtin, Volóchinov, Medvídeev. São Paulo: Pontes, 2019. p. 183-206.
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin*. Campinas: Mercado de Letras, 2009a. 176 p.
- SOBRAL, A. Estética da criação verbal. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009b. p. 167-187.

LÍNGUA E LINGUÍSTICA

SOUZA, G. T. *A construção da metalinguística: Fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e o Círculo*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002a. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-17092002-120415/publico/tdegeraldosouza.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

SOUZA, G. T. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin/Volóchchinov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLECH/USP, 2002b.

TOMASELLO, M. Joint attention as social cognition. In: MOORE, C.; DUNHAM, P. J. (ed.). *Joint attention: Its origins and role in development*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 1995. p. 103-130.

TOMASELLO, M. Cognitive linguistics and first language acquisition. In: GERRAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 1092-1112.

VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de notas e glossário Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário I: O que é linguagem/língua? (1930). In: VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a. p. 234-265.

VOLÓCHINOV, V. N. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). In: VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b. p. 266-305.

VOLÓCHINOV, V. N. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). In: VOLÓCHINOV, V. N. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c. p. 109-146.